

ALBUM

Director, **ARTHUR AZEVEDO.**

Agente geral, **PAULA NEY.**

Publica se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26\$000 e 13\$000. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO : RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

EPITACIO PESSOA	Amarante.
CHRONICA FLUMINENSE	A.
PAIZAGEM	Isaias de Oliveira.
O DESTINADO	Machado de Assis.
CANTILENA	A. A.
BLOCOS	Cosimo.
RÉVERIE	Victor Hugo.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTONNO.	..	Alfredo Bastos.
DESPEDIDA	Adelino Fontoura.
THEATROS	X, Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico do actor

AUGUSTO ROSA

EPITACIO PESSOA

Nasceu na ex-provincia da Parahyba aos 23 de Maio de 1865 ; é filho legitimo do tenente-coronel José da Silva Pessoa e de D. Henriqueta Barbara de Lucena Pessoa.

Em 1873, com oito annos apenas, ficou orpham de pae e mãe, e em fins do anno seguinte foi admittido no Gymnazio Pernambucano, como pensionista pago pela provincia. A Assembléa consignava annualmente uma verba no orçamento para a educação de vinte orphãos naquelle estabelecimento.

Em 1878 difficuldades financeiras determinaram a suppressão d'essa verba, e os orphãos foram assim forçados a deixar o collegio. Mas Epitacio tanto se distinguio, tal fôra o seu aproveitamento nos estudos, que o governo da provincia resolveu que elle alli continuasse como alumno gratuito, abrindo-se assim uma excepção honrosissima para o laureado estudante.

No Gymnazio estudou as primeiras lettras e todos os preparatorios, reputado sempre o primeiro alumno do collegio, de onde sahio em 1880.

Em 1882 matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife, fazendo um curso brilhantissimo, em que deu as mais solidas e irrecusaveis provas de seu talento superior, sendo approvado com distincção em todos os annos, elogiado pelos mestres e consultado pelos condiscipulos, que o reputavam francamente o mais notavel de entre si, quer pela applicação aos estudos, quer pela proficiencia — admiravel num estudante — com que tratava as questões juridicas sujeitas a seu exame.

Lutou com as maiores difficuldades para formar-se, conseguindo-o com os recursos que lhe proporcionaram o ensino particular e a confecção de trabalhos de direito para os collegas.

Obtendo o gráo de bacharel em sciencias juridicas e sociaes em 1886, foi nomeado promotor publico da comarca do Cabo, em Pernambuco.

No exercicio d'esse cargo confirmou os fóros de orador, de que já gozava em diversas comarcas de Pernambuco e da Parahyba, onde o patrocínio de importantes causas crimes lhe fôra confiado.

Revelou-se alli um espirito altivo e independente; desavindo-se com o Juiz de Direito, sustentou com este, pela imprensa do Recife, luminosa polemica juridica, que o tornou inuito vantajosamente conhecido naquella capital, principalmente entre as pessoas do fóro e competentes no assumpto.

Demittido da promotoria em 1889, por motivos politicos, veio para esta cidade, de onde seguiu, logo depois da proclamação da Republica, como secretario do governo da Parahyba, em cuja Assembleia recusára anteriormente uma cadeira.

No seu Estado tornou-se alvo da mais viva sympathia e estima de amigos e adversarios, pelo tino administrativo e qualidades de politico que revelou.

Candidato a um logar no Congresso Constituinte, foi o mais votado entre todos os representantes da Parahyba, onde hoje goza do mais lisongeiro conceito e do mais extenso prestigio.

A sua gloriosa carreira parlamentar é bastante conhecida. O seu nome, enaltecido pelos extraordinarios triumphos obtidos na tribuna da Camara, de que é um dos luminares e o orador mais applau-

dido, é hoje repetido em todo o Brasil com admiração e respeito.

Nenhum outro parlamentar brasileiro foi ainda festejado pelo povo como o tem sido esse deputado de vinte e oito annos.

O Dr. Epitacio Pessoa é lente cathedratico da Faculdade do Recife desde 1891.

O seu retrato impunha-se á galeria eclectica do *Album*. Estou certo de que os leitores d'este periodico guardarão com prazer a imagem do joven e illustre parahybano.

AMARANTE.

CHRONICA FLUMINENSE

Foi-se embora o *Republica*. Pintou-se de preto, como o Passe-Partout da *Volta do mundo*, e, graças á escuridão da noite, passou despercebido pela fortaleza de Santa Cruz. Não no viram tambem da Praia Vermelha, nem da Vigia do Leme, nem da Copacabana, nem do morro de Cantagallo, nem da ilha de Cotunduba, nem da do Pão Torto... Foi-se!

Aonde irá esse navio negro?... que intentará fazer?...

Quando e como acabará tudo isto, Virgem Santissima?

Ahi está uma pergunta a que nenhum politico, por mais avisado, poderá responder. A propria Virgem Santissima, invocada pela pieguice do chronista, não daria uma resposta satisfatoria, se por ventura interviesse nestes assumptos.

Fóra de duvida é que o nosso pobre paiz está sendo grandemente prejudicado por semelhante estado de coisas, e terá que soffrer inevitavelmente as amargas consequencias da luta fratricida a que assistimos, sejam ellas quaes forem.

Emtretanto, lá diz a philosophia das nações: ha males que vêm para bem; talvez tudo isto determine beneficios futuros; talvez o Brasil precise experimentar as provações por que está passando; talvez seja indispensavel demolir para construir, segundo o axioma positivista.

O peor é que ha por ahi muito proletario que não ganha vintem desde o começo d'essa maldita revolta; muito pobre diabo que não vê a côr de um nickel, nem mesmo d'aquelles que Paulo Garrofé ha dias fabricava n'uma casa que não era a Casa da Moeda, apezar de estar situada na praça da Republica...

*

A não ser a revolta e lá um ou outro assassinato nas ruas, não deu a semana materia para a chronica. Os factos fazem como as familias medrosas: não saem á rua, — e as horas passam-se em largos

bocejos de tedio. A' noite a cidade fica deserta, e o actor Pedro Nunes representa o *Abacaxi* melancolicamente, para uma plateia de melancolicos, fazendo os papeis do Bahia, que se acha em Nictheroy, isto é, tão longe como se estivesse na China.

*

O director do *Album*, que é o meu melhor amigo, tem sido ha dias interrogado por pessoas curiosas que se admiram de que elle fosse alferes da Guarda Nacional e ninguem o soubesse.

Effectivamente, no *Tempo*, de quarta-feira, appareceu a seguinte noticia: «Está de serviço de piquete no 5º batalhão o alferes Arthur de Azevedo.»

Trata-se de outro cidadão de igual nome, e ainda assim com a particula *de* a mais. O director do *Album* tem a honra de pertencer á Guarda Nacional, mas não é alferes, nem nunca esteve de serviço de piquete: é soldado raso d'aquelle mesmo 5º batalhão, e está dispensado do serviço emquanto exercer o cargo de chefe de secção numa das nossas Secretarias de Estado.

A.

PAIZAGEM

A. A. PERES JUNIOR

Na floresta chilreava a passarada,
Saudando alegre o sol resplandecente;
A luz exuberante enchia a estrada
De uma poeira de ouro refulgente.

Mais além, da montanha na quebrada,
Surge, entre a calidez do sol ardente,
Uma brilhante e extensa cavalgada
Ruidosa, a galopar confusamente.

E a floresta immergeia luminosa
— Como da tarde a estrella grandiosa —
Do claro resplendor da natureza.

E o céu por cima, concavo e azulado,
Completava solemne, almo, sagrado,
D'este painel a divinal grandeza.

ISAIAS DE OLIVEIRA.

Recebemos um exemplar do quarto relatorio (1891 e 1892) apresentado ao governador do Paraná pelo Sr. A. Mariano de Lima, director e professor de desenho, perspectiva e pintura, da Escola de Artes e Industrias de Coritiba.

Ao relatorio acompanham tres photographias das aulas e demais dependencias do estabelecimento, que nos parece relativamente importante.

Essa escola tem lutado com a indiferença dos poderes publicos; se ainda existe, deve-o á tenacidade e ao zelo do seu director,

que, depois de muito lutar, conseguiu do Congresso paranaense uma subvenção de 8:000.000 annuaes. A despeza do estabelecimento sobe a pouco menos do dobro d'essa quantia.

O DESTINADO

Ao entrar no carro, cerca das quatro horas da manhan, Delfina trazia comsigo uma preocupação grave, que eram ao mesmo tempo duas. Isto pede alguma explicação. Voltemos á primeira valsa.

A primeira valsa que Delfina executou no salão do coronel foi um puro acto de complacencia. O irmão d'ella apresentou-lhe um amigo, o bacharel Soares, seu companheiro de casa no ultimo anno da academia, uma perola, um talento, etc. Só não accrescentou que era dono de um rico par de bigodes, e aliás podia dizel-o sem mentir nem exagerar nada. Curvo, gracioso, com os bigodes espetados no ar, o bacharel Soares pediu á moça uma roda de valsa ; e esta, depois de tres segundos de hesitação, respondeu que sim. Porque hesitação ? porque complacencia ? Voltemos á primeira quadrilha.

Na primeira quadrilha o par de Delfina fôra outro bacharel, o bacharel Antunes, tão elegante como o valsista, embora não tivesse o rico par de bigodes, que elle substituiu por um par de olhos mansos. Delfina gostou dos olhos mansos ; e, como se elles não bastassem a dominar o espirito da moça, o bacharel Antunes juntava a esse merito o de uma linguagem doce, canora, todas as seducções da conversação. Em poucas palavras, acabada a quadrilha, Delfina achou no bacharel Antunes os caracteristicos de um namorado.

— Agora vou sentar-me um pouco, disse-lhe ella depois de passeiar alguns minutos.

O Antunes acudio com uma phrase tão piegas, que não a ponho aqui para não desconcertar o estylo ; mas, realmente, foi coisa que deu á moça uma ideia avantajada do rapaz. Verdade é que Delfina não tinha o espirito muito exigente ; era um bom coração, excellente indole, educada a primor, amiga de bailar, mas sem largos horisontes intellectuaes : — quando muito, um pedaço de azul visto da janella de um sotam. Contentou-se, portanto, com a phrase do bacharel Antunes, e sentou-se pensativa. Quanto ao bacharel, ao longe, defronte, conversando aqui e alli, não tirava os olhos da bella Delfina. Gostava dos olhos d'ella, dos seus modos, elegancia, graça...

— E' a flor do baile, dizia elle a um parente da familia.

— A rainha, emendou este.

— Não, a flor, teimou o primeiro ; e, com um tom adocicado : — Rainha dá ideia de dominio e imposição, ao passo que flor traz a sensação de uma celeste embriaguez de aromas.

Delfina, logo que teve noticia d'esta phrase, declarou de si para si que o bacharel Antunes era um moço de grande merecimento, e um dignissimo marido. Note-se que ella partilhava a mesma opinião acerca da distincção entre rainha e flor ; e, posto aceitasse qualquer das duas definições, todavia achou que a escolha da flor e a sua explicação eram obra acertada e profundamente subtil.

Ora, em taes circumstancias é que o bacharel Soares pediu-lhe uma valsa. A primeira valsa era sua intenção dal-a ao bacharel Antunes ; mas elle não appareceu então, ou porque estivesse no buffet, ou porque realmente não gostava de valsar. Que remedio senão dal-a ao outro ? Levantou-se, aceitou o braço do par, elle cingio-lhe delicadamente a cintura, e eil-os no turbilhão. Pararam d'ahi a pouco ; o bacharel Soares teve a delicada audacia de lhe chamar sylphide.

— Na verdade, accrescentou elle, é valsista de primeira ordem.

Delfina sorriu com os olhos baixos, não espantada do cumprimento, mas satisfeita de o ouvir. Deram outra volta, e o bacharel Soares, com muita delicadeza, repetio o elogio. Não é preciso dizer que elle a conchegava ao corpo com certa pressão respeitosa e amorosa ao mesmo tempo. Valsaram mais, valsaram muito, elle dizendo-lhe coisas amaveis ao ouvido, ella escutando-o corada e delirante...

Ahi está explicada a preocupação de Delfina, aliás duas, porque tanto os bigodes de um como os olhos mansos do outro iam com ella dentro do carro, ás quatro horas da manhan. A mãe achou que ella estava com somno ; e Delfina explorou o erro, deixando cahir a cabeça para traz, cerrando os olhos e pensando nos dous namorados. Sim, dous namorados. A moça tentava sinceramente escolher um d'elles, mas o preterido sorria lhe com tanta graça que era pena deixal-o ; elegia então esse, mas o outro dizia-lhe coisas tão doces, que não mereciam tal desprezo. O melhor seria fundil os ambos, unir os bigodes de um aos olhos de outro, e metter esse conjuncto divino no coração ; mas como ? Um era um, outro era outro. Ou um, ou outro.

Assim entrou ella em casa ; assim recolheu-se aos aposentos. Antes de se despir, deixou-se cahir em uma cadeira, com os olhos no ar ; tinha a alma longe, dividida em duas partes, uma parte nas mãos do Antunes, outra nas do Soares. Cinco horas ! era tempo de repousar. Delfina começou a despir-se e despentear-se, lentamente, ouvindo as palavras do Antunes, sentindo a pressão do Soares, encantada, cheia de uma sensação extraordinaria. No espelho, pareceu-lhe ver os dous rapazes, e involuntariamente voltou a cabeça ; era illusão ! Emfim, resou, deitou-se, e dormio.

Que a primeira ideia da donzella, ao accordar, fosse para os dous pares da vespera, nada ha que admirar, desde que na noite anterior, ou velando

ou sonhando, não pensou em outra coisa. Assim ao vestir, assim ao almoçar.

— Fífina hontem conversou muito com um moço de bigodes grandes, disse uma das irmansinhas.

— Boas ! foi com aquelle que dansou a primeira quadrilha, emendou o outra irman.

Delfina zangou-se ; mas vê-se que as pequenas acertaram. Os dous cavalheiros tinham tomado conta d'ella, do seu espirito, do seu coração ; — a tal ponto que as pequenas deram por isso. O que se pergunta é se o facto de um amor assim duplo é possível ; talvez que sim, desde que não haja sahido da phase preparatoria, inicial ; e esse era o caso de Delfina. Mas, emfim, cumpria escolher um delles.

Dévine, si tu peux, et choisis, si tu l'oses.

Delfina achou que a eleição não era urgente, e fez um calculo que prova da parte d'ella certa sagacidade e observação ; disse consigo que o proprio tempo excluiria o condemnado, em proveito do destinado. Quando ea menos pensar, disse ella, estou amando devéras ao escolhido.

Escusado é accrescentar que não disse nada ao irmão, em primeiro logar porque não são coisas que se digam aos irmãos, e em segundo logar porque elle conhecia um dos concurrentes. Demais, o irmão, que era advogado novo, e trabalhava muito, estava nessa manhan tão occupado no gabinete, que nem veio almoçar.

— Está com gente de fóra, disse-lhe uma das pequenas.

— Quem é ?

— Um moço.

Delfina sentio bater-lhe o coração. Se fosse o Antunes ? Era cedo, é verdade, nove horas apenas ; mas podia ser elle que viesse buscar o outro para almoçar. Imaginou logo um accordo feito na vespera, entre duas quadrilhas, e attribuiu ao Antunes o plano luminoso de ter assim entrada na familia...

E foi, foi, devagarinho, até a porta do gabinete do irmão. Não via de fóra ; as cortinas ficavam naturalmente por dentro. Não ouvia fallar, mas um ou outro rumor de pés ou de cadeira. Que diabo ! Teve uma ideia audaciosa : empurrar devagarinho a porta e espiar pela fresta. Fel-o ; e que desillusão ! vio ao lado do irmão um rapaz secco, murcho, acanhado, sem bigodes nem olhos mansos, com o chapéo nos joelhos, e um ar modesto, quasi pedinte. Era um cliente do joven advogado. Delfina recuou lentamente, comparando a figura do pobre diabo com a dos dous concurrentes da vespera, e rindo da illusão. Porque rir ? Coisas de moça. A verdade é que ella casou d'ahi a um anno justamente com o pobre diabo. Leiam os jornaes do tempo ; lá está a noticia do consorcio, da igreja, dos padrinhos, etc. Não digo o anno, porque elles querem guardar o incognito, mas procurem que hão de achar.

MACHADO DE ASSIS.

CANTILENA

A OLAVO BILAC

Fazem hoje vinte annos
Que eu sahi da minha terra...
Fazem hoje vinte annos
Que eu deixei o Maranhão.
Os destinos inhumanos
Desde então me fazem guerra ..
Os destinos inhumanos
Me maltratam desde então !
Fazem hoje vinte annos
Que eu deixei o Maranhão !

No instante da despedida
Meu pae chorava devéras...
No instante da despedida
Minha mãe quasi morreu !
A minha gente querida
Verteu lagrimas sinceras...
A minha gente querida
Mais de mil beijos me deu !
No instante da despedida
Minha mãe quasi morreu !

Pobre mãe ! vociferando,
Não deixava que eu partisse...
Pobre mãe ! vociferando,
Não me queria soltar !
Meu pae disse-lhe, chorando :
De xé o rapaz ! que tollice !
Meu pae disse-lhe, chorando :
Socegue, que ha de voltar !
Pobre mãe ! vociferando,
Não me queria soltar !

Elles ambos lá se foram ..
Perdi-os, infelizmente !
Elles ambos lá se foram
Já não tenho mãe nem pae !
Os meus olhos inda choram,
Porque o meu peito inda sente !
Os meus olhos inda choram...
Vêde : uma lagrima cae !
Elles ambos lá se foram...
Já não tenho mãe nem pae.

A. A

21 - 8 - 93.

BLOCOS

Mais um livro editado pelos Srs. Magalhães & Comp., proprietarios da Livraria Moderna. Este intitula-se *Blocos*, e está assignado por Isaias de Oliveira.

São cento e sessenta paginas d'aquillo a que outr'ora se chamava litteratura amena, — phantasias, impressões, divagações sentimentaes, etc. A leitura não edifica mas tambem não enfada. A gente lê toda esta prosa de um folego, e, ao fechar o livro, não sente cansaço nem aborreci-



Phototypia J. Gutierrez.

EPITACIO PESSOA

mento, — desça apenas alguma coisa mais forte, mais vigorosa, mais de mestre, para dar ao espirito a indispensavel razão. E' um *hors-d'œuvre* litterario.

Os escriptos d'este genero não se compadem com as exigencias implacaveis de um livro ; ficam bem numa revista como o *Album*, isolados, entre uma poesia e um conto, de outros autores,—coisinhas interessantes, mas ephemerias, que se atiram para o lado e se releem mais tarde, com muito prazer, depois de encadernada a revista. Litteratura amena.

O autor dos *Blocos* é imaginoso e tem uma nota original, que transparece no *Palhaço* e noutras producções ligeiras disseminadas no livro.

Para dar uma amostra do merito do escriptor e do espirito da obra, transcreverei uma de suas phantasias, não por ser a melhor, mas por ser a mais curta :

MANHANS

Manhans de sol, manhans douradas !

O céu resplendente parece cantar uma aleluia, e o sol, olympico, jorra de cima um largo rio de luz sonorizante, esmaltando todos os cimos e o vasto formigueiro de casas, destacando-as da penumbra que as envolvera como um sudario.

Manhans fulgurantes, epicas ! A luz tem gorgeios de patativa e a folhagem sussurra, numa crepitação de versos sonoros.

E a cidade dorme...

Os ninhos já despertaram ao beijo do sol, mas a grande cidade, como cortezan cançada de prazer, espreguiça-se no leito, recebendo no dorso crispado as primeiras caricias do dia rutilante.

Essa hora augusta tem uma deliciosa frescura de leite ainda quente do ubre, lembra coxins de seda e velludo, fofos e voluptuosos, por onde subimos a escada dos prazeres convulsionantes. A luz acalenta como mãe desvelada; nos ares resoam beijos de genios alados...

Agora é o despertar phantastico da cidade.

Cada um se apodera do papel que representa no grande tablado. Os operarios correm ás officinas; abrem-se as lojas e os antros. A colmeia humana esparrama-se nas ruas e a vida recomeça, agitada e febril, nesse continuo marulhar de oceano...

... O' grande luz eternal, que aclaras as esferas e os cimos douras; abandona, por um momento, luz sagrada, o luxuoso colorido do Iris e a refulgencia da aza dos collibris; desce, luz gloriosa, da apotheose deslumbrante das auroras; desce dos paramos infinitos e vem, luz divina, purificar esses pantanos da terra, a cuja flor sobrenadam os vermes da cubiça e do orgulho, da vaidade e da hypocrisia.

Jorra diluvianamente, luz purissima, para matares do lodo humano o germen de todos os vicios e de todas as paixões, que se multiplicam, se perpetuam indefinidamente.

Desce, luz bemdita; illumina os negros corações malditos, os sombrios corações perversos !

E' bonito, é bem feito, é bem escripto; mas reunam vinte ou trinta producções d'esse feitio, e digam-me se ha ahí materia para um livro que seja livro.

Isaias de Oliveira, com o talento e a phantasia que tem, póde dar-nos um volume perfeitamente articulado.

Catule Mendès, que é o mestre por excellencia d'essas ninharias da imaginação e do estylo, só as produz para descansar a mão de trabalhos de folego como as *Mães inimigas*, *Mephistofela*, e outros. E abandona-as sobranceiramente nas columnas do *Gil Blas* ou do *Echo de Paris*.

Entretanto, louvado seja o autor dos *Blocos* pelo seu esforço, e mais louvados ainda sejam os intrepidos editores que, ao som da artilheria de fortalezas e navios assanhados uns contra os outros, publicam um livro de litteratura amena (como se dizia outr'ora) nesta infeliz capital, que é a menos litteraria do mundo, mesmo quando não se acha em estado de sitio.

COSIMO.

O *Figaro Illustrado* obteve uma poesia inedita de Victor Hugo, escripta pelo grande poeta, no album de uma senhora, em 6 de Setembro de 1872. Eil-a :

RÊVERIE

Vous demandez à quoi je rêve ?
Je me souviens qu'un jour, jadis.
A l'heure où l'aube qui se lève
Ouvre ses yeux de paradis,

Je passais parmi des colombes,
Dans un cimetière, jardin
Qui, couvrant de roses les tombes,
Cache un enfer sous un éden.

J'errais dans cette ombre insalubre
Où les croix noires sont debout...
Une grande pierre lugubre
Se mit à vivre tout à coup.

C'était, dans l'herbe et les pervenches,
Un sépulcre morne et hautain
Qu'effleura soudain sous les branches
Le furtif éclair du matin.

Il était là sous une yeuse,
Triste, et comme pour l'apaiser
La jeune aube mystérieuse
Donnait à ce spectre un baiser.

Et cela rendit, ô merveille,
La vie au sépulcre hagard;
Ce sourd-muet ouvrit l'oreille,
Et cet aveugle eut un regard.

Voyant venir à lui la flamme,
Comme au désert le noir Sina,
Ce linceuil de marbre, ô une âme,
Plein de ténèbres, rayonna.

Et je le vis, dans le bois sombre,
Dans le champ pestilentiel,
Comme transfiguré dans l'ombre
Par cette dorure du ciel.

Noble femme aux vaincus fidèle,
Votre sourire frais et beau,
Quant il lui sur moi, me rappelle
Cette aurore sur ce tombeau.

VICTOR HUGO.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPÓS DE MULHERES)

XIII

(Continuação)

Como trovão que rola nos espaços, assim foi o applauso geral e entusiástico. Guilherme Tosti baixou a cerviz, reconhecidamente tranzido do frio do despeito.

O seu recurso nesse instante era Carmen.

Mordia-o, de quando em quando, o ciúme. Por isso, ao terminar o acto, e nessa hora solenne em que se debatiam os espectadores num delirio e impulsados pelo orgulho nacional, quando muitos, invejosos, não venciam em numero os entusiastas, o rival de Lucioolveu o olhar para o camarote da familia Blanco.

— Não vá modificar-se a opinião de Carmen! Nada ha tão de exito como as acclamações para vencer o coração indifferente de uma mulher soberba.

Assim pensou. E, como nesse momento tambem a enteada do coronel Blanco procurava com a vista, armada de excellente binoculo, o proprio Tosti, foi de jubilo para o moço ver-se objecto da attenção da creatura mais admirada do sexo feminino.

Carmen baixou o seu telescopio em miniatura.

Foi então que a Guilherme não passou indifferente a expresssão de physionomia a que a moça dava, por intermedio do rosto, o significado de um desespero enorme, e que ainda assim não dizia de todo a revolução que abateria até almas mais denodadas.

Carmen fez um gesto.

Poderiam tomal-o por casual.

Não era. Guilherme, com a intuição dos enamorados, adivinhou nelle uma ordem, e primeiro do que todos os espectadores da plateia sahio da sala.

Nesse acto de retirada e quando passava proximo de um camarote da ordem que em Montevideo é designada pela de *palcos bajos*, deu com Carrero e Lucio, que se deliciavam com os exaltados louvores e galanteios de uma interessante senhora, aos quaes faziam còro os sorrisos cubiçosos de tres elegantes solteiras, rivaes de Carmen em fama e em formosura.

Guilherme sentio que se lhe afoguearam as faces.

Uma dor aguda e fina atravessou-lhe o coração ao ver que se levantava, nobre e imponente, o vulto d'esse moço, autor da comedia applaudida, que acabava de ganhar parte do triumpho mais legitimo que é dado a um homem, e que nada mais é senão a recompensa do talento.

Lucio vio-o e não lhe deu importancia.

O amor proprio exigio a reparação, o que era absurdo, uma vez que o doutor só o conhecia de vista.

— De mais a mais soberbo! — pensou Guilherme Tosti, curvando a frente e passando ás pressas para que Carrero não chegasse a descobri-lo.

Foi então que aos ouvidos do pretendente segredou-lhe como uma voz de ventriloquo: E's um Judas!

Não fôra esta tambem a pergunta que fizera um dos moços da roda dos conspiradores, que tramaram applaudir a comedia de Lucio, nessa mesma tarde em que Carrero os viera informar do merito do trabalho?

Como homem que é sorprendido pela neve que vae, aos poucos, lacrimejando do espaço por sobre o ousado que a ella se expõe; como quem num movimento rapido do corpo a sacode de sobre os hombros, assim o invejoso tentou desembaraçar-se d'essa phrase, que se lhe levantára, como algoz, no cerebro encandescido.

Carmen anciava pela chegada de Guilherme.

— Não me comprehenderia o ignorante? — pensava, voltada para a porta do camarote e indifferente aos olhares apaixonados que lhe dirigia Lucio. Afinal, satisfeita a impaciencia, Tosti abriu rapidamente a porta.

Dolores foi premiada por uma ideia diabolica.

— Ainda bem! Vou deixal-os — disse —. Preciso fallar com uma amiga que ha muito não vejo e que se acha no camarote proximo.

E, juntando á palavra a acção, sahio, sem dar tempo a que Carmen se oppozesse; porquanto tão humilhante lhe pareceu aquelle *tête-a-tête* com Guilherme Tosti, que só um proposito de maior monta dominára o primeiro impulso.

O plano de Dolores era mais ou menos este: deixal-os a sós para que a sociedade desse a Carmen e Guilherme como dous *promessi sposi*.

Era uma infamia que só poderia nascer no coração indifferente de uma senhora, que, antes de ser mãe, tinha os instinctos do adulterio.

Ha naturezas humanas que representam no mundo moral o polypo e a desconformidade das almas.

Era a infamia feita mulher e mãe, disfarçada por fallazes adornos apparentes, que a sociedade compra e vende, empresta, ou mesmo aluga.

Carmen não poude conter um sorriso ironico e amargo a um tempo.

Borbulharam-lhe nos grandes olhos negros duas lagrimas pesadas.

— Chora? — perguntou-lhe tristemente o moço em voz baixa.

— Deixemo-nos de meias palavras, agora que nos achamos a sós! — principiou ella, dando á voz um tom severo e firme. Chóro de desespero! Quer salvar-me?

— Eu?... Que poderei fazer para merecer essa gloria?

— Tudo! Um homem destemido póde vingar, num momento, uma familia ultrajada!

— Explique-se, Carmen!

— Promette jamais revelar o que lhe vou confiar?

— Prometto! juro, se tanto for necessario!

— Nesse caso, ouça-me Guilherme!

Carmen accommodou-se na cadeira. Passou um olhar de martyr por toda a sala.

Vio que muitos dos espectadores, homens e mulheres, faziam de ambos, d'ella e Tosti, ponto de mira e thema de bisbilhotices.

Houve até mesmo uma antiga companheira, que da *cazuela* accionou, como quem lhe queria dizer: *muy bien, la felicito*, a phrase que em Montevideo mais se ouve pronunciar. Depois, surpreendeu tambem Lucio e Carrero, que a observavam com sympathia, o que aos olhos de Carmen traduzia-se por soberba e cynismo.

O primeiro passo para a offensa, que de ha muito preparava para atirar aos olhos de Lucio, estava dado; ergueu-se da cadeira em que antes se havia sentado e foi occupar outra fronteira.

D'este modo dava as costas ao seu verdadeiro pretendente.

Esta accção foi observada de diversas posições.

Com effeito, já se dava como infallivel o casamento de Carmen com o filho do coronel Herrera.

Principiaram os commentarios, e de todos elles concluiu-se, geralmente, que a moça abandonára completamente Lucio em favor de Guilherme Tosti. E, como em côro, uma ideia ferio a opinião unanime:

— E' necessario não ter gosto para desprezar o Lucio em troca de um vulgarissimo Tosti!

— E' rico!

— O que não fará admirar que seja esse o motivo pelo qual Carmen o queira...

— E' digna filha de Dolores, arriscaram as invejas.

— Deixem lá, minhas filhas — atalhou uma senhora edosa, entendida em assumptos de amor e casamento — ella que não quiz o doutor Lucio, é que elle não a merece: alguma lhe fez elle.

Carmen previo que aquelle apparente quadro de amor, exposto no seu camarote, daria margem a grandes e largos commentarios. Nesse instante, porém, outras ideias a dominavam.

— Que importa! — disse consigo, e deixando-se cair na cadeira, de modo a approximar a voz dos ouvidos de Guilherme.

— Posso saber a causa d'esta forte commoção? — perguntou elle.

— Ouvio attentamente todo este segundo acto?

— Mentiria se lhe dissesse que prestei toda a attenção; sacrifiquei-me apenas a assistir a uma successão de scenas absurdas.

— Tão somente absurdas?

— E entretecidas com a somma mais avultada de immoralidades que tenho ouvido em theatro, e

podem tão somente ser tolcradas por um publico desnorteado e gasto de sentimentos.

Carmen approvou com um gesto.

— E depois — continuou o moço, animado por esse elogio tacito — é necessario confessar: se não fossem as sedas, o luxo deslumbrante das *toilettes* e por demais as physionomias das pessoas com quem lidamos diariamente ou temos em tracto intimo e familiar, dir-se-ia que a sociedade mais distincta de Montevideo deprava-se a olhos vistos, rindo durante este desencadeamento de ousadias theatraes...

— E applaudindo-as!

— Tem razão: e applaudindo-as!

— E que me dirá, Guilherme, se souber que esta comedia tem um alvo?

— Um motivo de ser?

— Quando menos, um pretexto de ser!

— Explique-se, Carmen.

— Esta peça tem um fim: offender indirectamente uma familia, em cujo scio o doutor Lucio pretendeu entrar, amparado que vinha de elogios estrondosos e apresentações encomiasticas, sem que a tantos louvores correspondesse a importancia, que em pouco e diminuto gráo lhe tributou a moça a quem elle cortejou.

— E' uma... infamia! E essa familia esta aqui? conhece-a?

— Está, e é do meu conhecimento!

— Nesse caso, a senhora, mãe d'essa pretendida, tem precedentes censuraveis, a ponto de que facil foi ao doutor photographal-os para os exhibir num tablado de theatro?

— Não! A senhora a quem indirectamente fere a comedia é para mim duplamente respeitavel... E' senhora...

— E é...?

Carmen abafava a pouco e pouco as palavras, como se receiasse que dos camarotes proximos a estivessem ouvindo.

Guilherme não podia attribuir a tanta perturbação causa verdadeira.

Os labios, que pronunciavam a confidencia, tinham o tremor das pessoas que se debatem num extertor prolongado; e a pallidez, que é a mais significativa expressão das grandes dores, como dos grandes odios, dava-lhe ao rosto a apparencia d'essas figuras de cera, talhadas em moldes do natural e immoveis em salas de exposição.

— Poupe a minha curiosidade — continuou Guilherme com receio de que viesse Dolores interromper o fim d'aquella intimidade appellidada *escandalosa* pela roda dos espectadores que presenciavam todos os gestos dos interlocutores. — Quem é a infeliz que, ludibriada pelo doutor Lucio, assiste a este supplicio?

— Minha mãe!...

Guilherme tinha, em verdade, sobejos motivos para duvidar da seriedade da resposta. O choque, embatendo de frente na sua razão, parecia a chamada de uma voz interior que lhe quizesse dizer :

— Não creias nessa mulher ; está louca.

Carregou o olhar, agitou-se, esbogatando os olhos desmedidamente, como um idiota ferido, de subito, pela impressão de um raio de luz electrica.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

DESPEDIDA

Pois que é chegada finalmente a hora
Do triste afastamento e da provança,
Venho dizer-te adeus, gentil criança,
Venho dizer-te adeus, pois vou-me embora.

Morreu em mim a ultima esperanza,
Bem como um sonho bom que se evapora;
Não sei que dor maior me resta agora
Soffrer, nem que maior desesperança.

Não sei, oh! sorte misera e nefasta,
Que assim me arrancas do seu lar querido,
Que assim me roubas sua imagem casta !

Bem vês que eu tenho o coração partido,
E teu peito, inda assim, não desengasta
Um soluço, uma lagrima, um gemido !

ADELINO FONTOURA.

O Sr. Lafayette de Toledo organisou e publicou em S. Paulo um *Indice synoptico, chronologico e analytico* das decições, leis, regulamentos, etc., publicados no *Diario Official* d'aquelle Estado, de 1 de Maio de 1891 a 31 de Dezembro de 1892. Agradecemos o exemplar que nos foi enviado.

THEATROS

Os nossos theatros proporcionam meios de subsistencia a centenas de familias pobres. D'elles vivem innumerados empregados, que a inexplicavel revolta do Sr. Custodio Mello tem posto na miseria. Toda ou quasi toda essa gente — uma legião — está

ha muitos dias sem ter com que mandar á venda e ao açougue...

*

O Recreio teve coragem para pôr em scena o drama *Diogo Alves* (osalteador dos Arcos das Aguas Livres de Lisboa) e o Apollo exhibe imperturbavelmente o seu *Abacaxi* a espectadores homens. As senhoras, essas ficam em casa, tranzidas de medo, e correm para os oratorios mal ouvem qualquer rumor que se assemelha um tiro. O Variedades annuncia para hoje uma comedia nova: a *Senhora sargenta*, e no S. Pedro reaparece a companhia portugueza do teatro D. Maria II com a *Sociedade onde a gente se aborrece*.

*

A companhia Tomba, que não dava signal de si, reapareceu ante-hontem, no Polytheama, com um espectaculo variado em beneficio dos professores da orchestra da companhia Ducci, que ficaram, dizia o annuncio, « sem recursos para voltar á Patria ». Pobre gente !

*

A companhia do Sant'Anna abalou para São Paulo, e já lá se estreiou com a *Mascotte*.

X. Y. Z.

Recebemos os primeiros numeros do *Autonomista*, jornal de Itaperuna (Rio de Janeiro), redigido pelo Sr. Dr. José Christiano Stockler de Lima ; do *Jornal do Domingo*, de Recife (Pernambuco), interessante revista de que são directores os Drs. Olympio de A. Galvão, A. Venancio Filho e Manoel Araújo ; do *Cosmopolita*, de Batataes (S. Paulo), que tem como redactor principal o Sr. Pedro Tavares Lopes da Silva ; da *Revista Azul*, de Coritiba (Paraná), que, sob a redacção do Sr. Dario Velloso e direcção do Sr. Julio Pernetta, se apresenta como « uma sincera tentativa em prol da sacrosanta cruzada das letras ».

Desejamos prosperidade a todos esses novos collegas.

Recebemos tambem o *Seculo*, de Macahé, o *Pharol*, de Juiz de Fóra, a *Cidade de Jahú*, o *Diario de Campinas*, o *Popular*, de S. Carlos do Pinhal, a *Gazeta Mineira*, de S. João d'El-Rey, a *Semana e L'Etoile du Sud*, d'esta capital, etc.

O ALBUM, por emquanto, só é encontrado nos seguintes pontos de venda :

LIVRARIA LOMBAERTS, rua dos Ourives n. 7.

LIVRARIA ENCYCLOPEDICA de Fauchon e Comp., rua do Ouvidor n. 125.

LIVRARIA INTERNACIONAL, rua Nova do Ouvidor ns. 16 e 18.

Imprensa H. Lombaerts & C.